

SABERES E AMORES: TRAJETÓRIAS DE VIDA DE “MULHERES DA VIDA”

VERÔNICA GOMES DOS SANTOS

Doutoranda em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará. Linha História e Memória da Educação. E-mail: veronicaufc@gmail.com

Introdução

O universo da prostituição é curioso, complexo e provocador. Muitos têm algo a dizer sobre o tema e as opiniões são bastante divergentes.

Para Barros (2006), pode-se encontrar quatro grupos nesse contexto: (1) os que condenam esta prática; (2) os que toleram e aproveitam, mas a criticam; (3) aqueles que a aceitam no intuito de explorar rendas e benefícios e (4) os que defendem a prática e sustentam a possibilidade de sua regulamentação.

Adler (1982), sobre as meretrizes, pontua que “ela não nasce prostituta, ela se torna uma. É uma profissão e não um estado. (...) a prostituta é uma insubmissa (...). O inverso de uma feminilidade ajuizada e maternal, elas provocam atração e repulsão”.

Como reflexo de uma sociedade patriarcal, as mulheres são reprimidas. Quando essas mulheres lidam de maneira aberta com a sexualidade, essa repressão passa a ser maior, pois sexo desenfreado passa ser condenado. Trata-se da moral cristã. Trata-se do controle, da repressão sexual.

“As prostitutas eram e são mulheres interessantes – foram as primeiras a dizer “Não” ao domínio patriarcal.” (ROBERTS, 1998, p.17)

A história de luta dessas mulheres é recheada de fortes acontecimentos, pois enfrentar uma cultura machista, moralista e cristã requer muita coragem e personalidade. Infelizmente, essas histórias não valorizadas. Não há interesse em melhorar as condições

de vida, de trabalho e até mesmo de sociabilidade desse grupo que vive na marginalidade.

“A devassidão como característica do trabalho da prostituta é comumente associada como condição pecaminosa (...), o que perpetua a situação estigmatizadora”. (ANJOS JÚNIOR, 1983)

O território escolhido para o desenvolvimento do trabalho é o bairro central de uma das maiores capitais do Brasil. Espaço onde há muita prostituição. No Centro de Fortaleza encontra-se facilmente espaços que possibilitam o serviço sexual, nos horários mais variados.

Esse estudo tem como objetivo principal compreender as trajetórias de vida de garotas de programa atuantes em casas de prostituição situadas no Centro da cidade de Fortaleza, considerados espaços de baixo meretrício, a partir dos anos 2000. Verifica-se, portanto, a história e memória do tempo presente.

A pesquisa tem como foco a vida escolar e profissional das garotas, a partir disso, têm-se como objetivos específicos: Obter informações sobre o início e permanência na carreira; Perceber as práticas educativas nos bordéis; Registrar as perspectivas de futuro das entrevistadas.

A vida na “zona”

Ao longo da história a representação social da prostituta se modifica, já teve seus momentos de exaltação. Esse estigma nem sempre foi presente. Elas já foram vinculadas a divindades. Percebidas como reencarnação de Afrodite.

Roberts (1998) registra a diferença da educação recebida pelas mulheres, pois “a educação de uma esposa ateniense era restrita às habilidades domésticas da cozinha, da costura e do ‘cuidado da casa; o conhecimento intelectual era proibido a uma esposa, pois esta era a marca de uma prostituta”.

A história de luta dessas mulheres é recheada de fortes acontecimentos, pois enfrentar uma cultura machista, moralista e cristã requer muita coragem e personalidade. Infelizmente, essas histórias não valorizadas. Não há interesse em melhorar as condições de vida, de trabalho e até mesmo de sociabilidade desse grupo que vive na marginalidade.

“A devassidão como característica do trabalho da prostituta é comumente associada como condição pecaminosa (...), o que perpetua a situação estigmatizadora”. (ANJOS JÚNIOR, 1983)

Assim, as prostitutas estão sujeitas à exploração do seu trabalho, sem direitos e carregam o estigma durante a vida no meretrício e após, como ex-prostituta.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Tal característica é um estigma, especialmente quando seu efeito de descrédito é muito grande (...) (GOFFMAN, p.12)

O fato é que a prática da prostituição é muito antiga. Vista como um mal necessário por alguns, não poderia ser exterminada, logo, a prostituição continuará presente na sociedade durante a existência da espécie humana.

De acordo com Bacelar em seu trabalho sobre a família da prostituta, realizado no baixo meretrício de Salvador,

O fenômeno da prostituição deve ser entendido como um produto das desigualdades econômicas existentes na sociedade e, por outro lado, como reflexo direto das estruturas de dominação e poder que institucionalizam a condição sexual da mulher. Dessa forma, a compreensão do significado da prostituição na sociedade contemporânea está intrinsecamente relacionada com a condição social da mulher e a política sexual vigente. (1982, p. 68)

A postura social em relação aos relacionamentos se transformou. Relações sexuais antes do matrimônio são comuns, e ainda assim, a procura pelas prostitutas não cessa. O número de prostitutas e de espaços favoráveis a sua prática só aumenta, inclusive nas áreas nobres das capitais brasileiras. Rago (1991) comenta que processo de modernização, de crescimento econômico, de explosão demográfica e de testerritorialização das subjetividades impulsionou o alargamento dos territórios dos desejos.

O processo de pauperização das camadas urbanas desprivilegiadas e o crescente afluxo de mulheres desprovidas de habilitação ou qualificação profissional, somados à ausência de perspectivas concretas para sobreviver, contribuem não só para a arregimentação de prostitutas para o baixo meretrício (...). (ANJOS JÚNIOR, 1983)

Há muita história para ser contada.

Muito ainda permanece reprimido e proibido a respeito do tema prostituição. Para que falar nisso? Para que contar a história dessas mulheres que, por definição, como disseram alguns, não tinham história? (ADLER, p.201)

É possível que ao conhecer um pouco mais desse amplo espaço de mercantilização do sexo, haja uma contribuição para diminuir esse estigma e quebrar muitos paradigmas presentes na sociedade atual, além de verificar a situação de escolarização e profissional desse grupo e registrar histórias de vida.

Os primeiros registros sobre a história das prostitutas foram feitos por homens. Chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas. “Construir masculinamente a identidade da prostituta significou silenciá-la e estigmatizá-la e, ao mesmo tempo, defender-se contra o desconhecido – a sexualidade feminina -, recoberta por imagens e metáforas assustadoras”. (RAGO, 1991, p.21). Segundo Roberts (1998) o preconceito sofrido pela classe que se prostitui tem suas raízes no desenvolvimento histórico do patriarcado.

A expansão do comércio do prazer e a sofisticação crescente do mundo da prostituição provocaram reações moralistas entre setores diversificados da população (...) médicos, juristas e criminologistas tentaram unificar seus esforços no sentido de definir a melhor forma de intervenção dos poderes públicos na organização do mundo do prazer, o que, na verdade, quase nunca deu bons resultados. (RAGO, 1991, p. 107)

O silêncio precisa ser quebrado. As prostitutas têm muito a contar. Será que a palavra dessas mulheres não seria digna de credibilidade ou de importância? Será que o único “valor” das mulheres prostituídas é o preço combinado com o cliente?

(...) visões negativas sobre o universo da prostituição que fazem parte do discursos do senso comum acabam, algumas vezes, sendo reproduzidas pelos estudiosos do fenômeno, prevalecendo na bibliografia sobre o assunto visões e perspectivas relativas as “desvio”, ao “patológico” ou mesmo ao “exótico”. (FÁBREGAS, 2000, p. 9)

Para RAGO (1991), “somos levados a pensar que ‘as mulheres públicas’ nunca foram importantes para a sociedade, a não ser na função de garantir a ordem na desordem das paixões, sem muita publicidade”.

Percebe-se que mulheres, independente da classe social e do grau de instrução, entram na prostituição. Sousa (2000) declara que “a questão é tão espinhosa que as tentativas para defini-las serão múltiplas e algumas vezes, contraditórias”.

“Você estudou em bons colégios, não tinha razão para fazer o que fez.” Diretora do colégio onde estudava Bruna Surfistinha.

Procedimentos Metodológicos

Para realização da pesquisa utilizou-se o método qualitativo. As lembranças e narrativas foram utilizadas na pesquisa, já

que a pretensão não é produzir a verdade sobre a prostituição, mas registrar as histórias contadas pelos sujeitos.

Conforme Ferreira “as distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central”. (1994, p. 10)

Foram utilizados os depoimentos, a coleta de fontes orais das prostitutas sobre suas práticas educativas na escola e na “zona”. Segundo Anjos Júnior (1983), ao passar para a outra identidade, a de mulher comum, fora da zona, a prostituta assume uma descrição fundamental para a sua biografia ao dissimular as características da identidade estigmatizada.

Utilizou-se também procedimentos etnográficos. O acompanhamento sistemático das garotas de programa nos espaços frequentados possibilita uma rica coleta de dados além da utilização do diário de campo – peça fundamental – para registrar o cotidiano da prostituição e entrar em contato com a realidade desse meio.

Após 3 meses visitas frequentes, observou-se o perfil de cada garota e duas foram selecionadas até o momento, Anne e Letícia.¹

Os critérios de escolha foram: o tempo na atividade (mais de 03 anos na prostituição); o compromisso com o trabalho (meninas que frequentam as casas de prostituição no mínimo quatro vezes por semana); procura dos clientes (as mais requisitadas) e por fim, que quisessem contar suas histórias para serem publicadas.

A primeira, conhecida desde 2009, aceitou contar a sua história de vida. É sempre muito receptiva.

Ela é cearense e mora com a família. Tem 04 filhos que são sustentados com dinheiro que recebe pelos programas e shows.

Ela faz programa desde adolescente.

Comecei a me prostituir em 1992, com 15 anos de idade. Eu fugia da aula pra fazer programa. A cafetina me escondia no bar. Ela tinha a proteção da polícia. Ela conseguia os clientes

¹ Nomes fictícios.

e ficava com a maior parte do dinheiro. Com ela eu aprendi a beber, a fumar maconha e a cheirar cocaína. Acabei me viciando em cocaína. Hoje consegui deixar o vício. Participo do grupo dos Narcóticos Anônimos.

Já trabalhou em casas de massagem e boates.

Quando o movimento no mercado do sexo em Fortaleza está fraco, ela viaja para outras cidades como Mossoró e Sobral.

Ela concluiu o ensino médio e iniciou um curso técnico em administração, com o intuito de abrir seu próprio bordel e administrá-lo da melhor forma.

Embora tenha dado essa declaração, em outro momento Anne disse ter outro projeto,

“Meu sonho é fazer faculdade de Psicologia. Quero ser psicóloga”.

Seus filhos estudam em escola pública e ela se preocupa muito com a educação deles. Está sempre presente nas reuniões da escola e acompanha o desempenho escolar de cada um. Dá bronca quando precisa.

Sua família agora sabe que ela é prostituta, ela contou, mas no início ela dizia que era dançarina.

Agora sua família também sabe que ela é bissexual. Em 2010, Anne se apresentou como heterossexual, hoje ela afirma que prefere relações com mulheres, embora a maior parte dos programas seja com homens.

Ela revela que às vezes se envolve com colegas do meretrício. Durante o trabalho elas fazem programas com homens, mas durante as folgas e/ou depois do expediente se encontram para namorar.

A segunda é Letícia, prostituta negra, tem 35 anos e faz programa há 04. Já morou na Itália, onde também se prostituiu.

Entrou no mundo da prostituição por intermédio de uma amiga, que hoje trabalha em São Paulo, como prostituta.

Uma amiga me chamou pra morar em Fortaleza, aí fomos morar na Praia de Iracema. Eu comecei a fazer programas nas ruas, depois em boates de gringos, mas eu não gostei, eu era muito maltratada, os gringos eram chatos, mal educados, e lá as meninas partem mesmo pra cima deles.

No Gata Garota, lugar onde conheci Letícia, as meninas desfilam pelo salão, esperando que os clientes as chamem.

Eu não gosto de fazer programa com gringo. Eles acham que podem fazer tudo com a gente porque tão pagando. Eu já cheguei a chorar no quarto durante o programa. Eu prefiro os brasileiros.

Descontente com o tratamento recebido nas boates da Praia de Iracema, resolveu conhecer o Gata Garota, que a amiga também frequentava. Ela gostou e começou a fazer programa lá. Foi lá que começou a fazer strip-tease.

Quando cheguei aqui vi logo uma garota nua no colo de um homem, fiquei assustada! Aos poucos fui aprendendo a dançar. Já dançava É o tchan. Aí me acostumei.

O show de Letícia é um dos melhores da casa. Ela faz movimentos de pole dance, não é só strip-tease. Faz programas com homens e com mulheres. “Faço com mulheres também, mas prefiro com homem.”

Durante o expediente, bebe e fuma.

Ela tem 02 filhos, um de 10 anos e outro de 13. Eles não moram aqui, vivem em Belém do Pará, cidade natal dela, com os avós.

Meus filhos estudaram uma parte em escola particular, mas agora estão em escola pública, mas a gente já se arrependeu por causa da greve, eles estão sem estudar. Estamos até pensando em mudar eles de colégio.

A declaração de Letícia mostra uma prostituta preocupada com a educação de seus filhos.

Ela estudou até a 7ª série, atual 8º ano do Ensino Fundamental, mas espera que seus filhos concluam os estudos e sonha em vê-los numa faculdade.

“O mais velho está fazendo curso de computador e pretende fazer faculdade”.

Letícia ajuda no sustento da família. Todos os meses manda dinheiro para seus pais. Sua família toda é Pentecostal e quando ela os visita também frequenta a igreja.

“A minha família toda sabe, meus filhos sabem. Eu não escondo nada deles”.

Com o dinheiro dos programas, ela conseguiu comprar uma casa com um ponto comercial, vizinho à casa de seus pais. Ela planeja sair da prostituição, mas precisa guardar um dinheiro para montar o seu próprio negócio. “O bom é que eu posso comprar as coisas à vista. Eu compro TV à vista, sofá à vista, tudo que eu compro é à vista.”

Sobre o seu futuro ela revela o que pensa:

“Eu penso em vender roupas. Não penso em fazer faculdade não, nem ensino médio, mas eu gostaria de terminar o ensino fundamental”.

Considerações finais

A atividade de prostituição apresenta-se como uma opção para ganhar dinheiro rápido. Elas entraram na zona por esse fator. Embora não pretendessem ficar por muito tempo, ainda continuam e continuam afirmando que querem abandonar o meretrício. Para elas ainda é a opção mais rentável além da flexibilidade de horários e ganhos imediatos. São mães, chefes de família, batalhadoras, que já tinham uma vida difícil antes da “vida fácil”. A cada programa uma experiência, algumas boas, outras nem tanto. São pessoas que encontraram na prostituição uma alternativa para sustentar a si e suas famílias. Marcadas pela atividade que exercem, lutam diariamente e sonham com melhores condições de vida.

Referências bibliográficas

ADLER, Laure. **Os bordéis franceses (1830/1930)**. São Paulo: companhia das Letras/ Círculo do livro, 1991.

ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira. **A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício**. Fortaleza, UFC, 1983.

BACELAR, Jeferson. A. **A Família da Prostituta**. Ensaios 87. SP, Ática e Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

BARROS, Lúcio Alves de. **Mariposas que trabalham. Uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte**. Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n. 827, 8 out. 2005. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7356>. Acesso em: 26 out. 2006.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultural. Brasiliense, 1985.

CECARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição – Corpo como mercadoria** in: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez. 2008

FÁBREGAS – Martínez, Ana Isabel. **Na Batalha: sexualidade identidade e poder no universo da prostituição**. Porto Alegre: Dacasa: Palmarica, 2000. 100p.

FOUCAULT, Michel. Poder – Corpo. In. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª. edição. Rio de Janeiro, RJ. Editora Guanabara, 1988.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

MANGUENEAU, Dominique. **O Discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 287p.

RAGO, Luzia M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**, Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1991.

_____. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 -1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Rosa dos Tempos, 1998.

SANTOS, V. G. **Prostitutas mães e a Educação de seus Filhos: Corpo, Cena e Discurso no Centro de Fortaleza – CE**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, 2011.

SOUSA, Francisca Inar de. **A Função social da prostituta**. In. Revista Educação em Debate. Ano 17/18, nos 29, 30, 31 e 32. p. 65-83.

_____. **O Cliente: o outro lado da prostituição**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto/São Paulo: Anablume, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TIRADENTES, Oscar. **Fatores determinantes da delinquência feminina**. Editora Rio. Rio de Janeiro, RJ, 1978.